

Papel da rádio e televisão no combate à covid-19: a importância do uso das línguas bantu em Inhambane - Moçambique

Role of radio and television in combating Covid- 19: the importance of using Bantu languages in Inhambane - Mozambique

Lucério Gundane¹
Carlos Massango²
Hermenegildo Mondlane³

DOI: 10.59306/memorare.v10e2202393-112

Resumo: O estudo analisa o papel da rádio e televisão no combate à Covid-19. O estudo é de campo e decorreu em 2020 em Inhambane, em Moçambique. Durante a geração de dados, foi usada a pesquisa bibliográfica e foi aplicado o inquérito a funcionários da RM e da TVM e aos falantes das línguas bantu como L1. A discussão dos dados consistiu na análise do processo interativo no quadro da teoria de comunicação e informação de Jakobson (2010) e da competência comunicativa de Hymes (1972). O estudo conclui que o uso das línguas bantu na rádio e na televisão garante a coesão entre vários membros pertencentes à mesma comunidade de fala e assegura a intrínseca relação: língua, cultura e identidade, dando, aos nativos, o direito de serem informados na sua L1, respeitando-se os direitos linguísticos do povo.

Palavras-chave: Rádio. Televisão. Línguas Bantu. Covid-19.

Abstract: The study analyzes the role of radio and television in combating Covid-19. This is a field study, that took place in 2020 in Inhambane, Mozambique. Bibliographical research was used during the collect de date and was applied to RM and TVM employees and speakers of Bantu languages as L1 a questionnaire. The data discussion consisted of analyzing the interactive process within the framework of Jakobson's (2010) communication and information theory and Hymes's (1972) communicative competence. The study concludes that the use of bantu languages on radio and television guarantees cohesion between various members belonging to the same speech community and ensures the intrinsic relationship: language, culture and identity, giving indigenouse people the right to be informed in their L1, respecting the linguistic rights of the people.

Palabras clave: Radio. Television. Bantu languages. Covid-19.

1 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Linguística pela UEM, Professor de Linguística Teórica e Linguística Descritiva de Português e das Línguas Bantu na UniSave. E-mail: luceriogundane@yahoo.com.br

2 Doutorando em Educação/Didáctica e Desenvolvimento Curricular na Universidade Aveiro, Portugal. Mestre em Língua, Cultura e Literaturas Africanas pela Universidade de Aveiro. Professor de Línguas Bantu e de Fonética e Fonologia do Português na UniSave. E-mail: massangocarlos@gmail.com

3 Mestre em Educação e Ensino de Português pela UP Maputo. Docente de Língua Portuguesa e Fonética e Fonologia do Português na UniSave. E-mail: gildodzowo@gmail.com

1 Introdução

O mundo inteiro atravessou momentos críticos devido à pandemia da Covid-19. Trata-se de um vírus que colocou o mundo numa situação de total emergência, provocando severos impactos negativos e desastrosos a nível socio-económico, ambiental, educacional, humano, político e cultural.

A Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus chamado SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Severa causada pelo Coronavírus 2), associada inicialmente a casos de pneumonia viral registrados em finais de Dezembro de 2019, em Wuhan, na República Popular da China. Desde então, ocorreu uma rápida disseminação mundial, tendo a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarado Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional a 30 de Janeiro de 2020 e Pandemia a 11 de Março de 2020 (Ministério da Saúde, 2021).

Em todo o mundo, foram registadas até finais de Março de 2021, 2,9 milhões de mortes por Covid-19, com uma taxa de letalidade de 2,3%. A Europa era na altura o continente com maior número de mortes por Covid-19, com 915.196 mortes, seguido da América do Norte, com 805.710 mortes e da América do Sul, com 643.640 mortes (Ministério da Saúde, 2021).

Em conformidade com a OMS (2023), a maioria das pessoas infectadas com o vírus apresenta doenças respiratórias leves a moderadas. No entanto, alguns ficam gravemente doentes e necessitam de atenção médica. Idosos e pessoas com condições médicas subjacentes, como doenças cardiovasculares, diabetes, doenças respiratórias crónicas ou cancro, têm maior probabilidade de desenvolver doenças graves. Qualquer pessoa pode ficar doente com a Covid-19 e ficar gravemente doente ou morrer em qualquer idade.

Diariamente, muitas pessoas perdiam a vida e cada minuto que se vivia constituía um momento incerto decorrente das mudanças profundas que afetaram o bem-estar da população. Devido ao seu fácil índice de propagação, à semelhança de outros países, Moçambique, desde 2020, tomava várias medidas através dos decretos presidenciais para minimizar os índices de contaminação e/ou transmissão comunitária. Dentre elas, destaque-se o distanciamento social entre as pessoas, o uso obrigatório de máscaras em lugares de aglomerados populacionais, encerramento das atividades letivas em todos os subsistemas de ensino, entre outras.

Desde a eclosão desta pandemia em Moçambique em Março de 2020, ao que se assistia, a mídia, sobretudo a rádio e a televisão, bem como as plataformas digitais (redes sociais) desempenhavam um papel fundamental na disseminação das mensagens em línguas bantu (línguas locais), informação diversa concernente às medidas adotadas pelo governo moçambicano através do Ministério de Saúde (MISAU) para o combate ao vírus e sobre os riscos da sua rápida propagação.

Conforme Caldas (2020), profissionais de saúde gravavam vídeos informativos, empresas publicavam textos falando sobre os impactos que a doença podia causar, grupos de WhatsApp compartilhavam informações vindas de fontes seguras, páginas especializadas publicavam

dados atualizados, especialistas gravavam ‘lives’ para tirar dúvidas da população, várias equipes se organizavam para ajudar os grupos de risco, ou seja, a mídia estava sendo utilizada como ferramenta para orientar e acalmar a população sobre questões relacionadas ao vírus e todas as consequências que dela podiam advir.

Repare-se que a transmissão da informação diversa através da mídia se materializa como um importante vetor para o desenvolvimento do Homem nas suas diversas esferas: econômica, política, ideológica, cultural e social, pois, as mensagens veiculadas pela mídia visavam reforçar, por exemplo, as campanhas e as medidas de prevenção da Covid-19.

Em Moçambique, a maior parte das comunidades residente em zonas suburbanas, é plurilíngue, tendo a televisão e a rádio como os principais meios de comunicação. Na província de Inhambane, em particular, as línguas bantu (Xichangana, Cindawu, Gitonga, Citshwa e Cicopi) ganham maior ímpeto em contextos plurilíngues, visto que, à semelhança de outras províncias, elas são amplamente faladas pela população, constituindo seu principal veículo de comunicação e sua língua materna (L1).

Em Inhambane, a Rádio Moçambique (RM) e o Centro de Transmissão Provincial da Televisão de Moçambique (TVM), empresas públicas, na sua grelha semanal, apresentavam vários programas que eram transmitidos nas línguas Citshwa, Cicopi, Gitonga e Cindawu. Estas ações e políticas garantiram o direito à comunicação e acesso à informação na L1 do falante/ouvinte.

Em conformidade com o artigo 35.º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996.

Todas as comunidades linguísticas têm direito a decidir qual deve ser o grau de presença da sua língua nos meios de comunicação do seu território, tanto nos locais e tradicionais, como nos de maior difusão e de tecnologia mais avançada, independentemente do sistema de difusão ou de transmissão utilizado (UNESCO, 1996).

Para Mabasso (2013), é indubitável o esforço empreendido por serviços de informação pública tais como a RM, através da definição de políticas claras que apontam para a valorização das línguas locais. Desde o período colonial, altura em que a chamada “Hora Nativa” era reservada à emissão de conteúdos em línguas locais. Mesmo depois da independência, grande parte dos moçambicanos que não dominava a língua oficial sempre gozou do direito à informação através dos demais emissores provinciais em que a língua local era o veículo de transmissão da mensagem. Isto demonstrou a preocupação que esta estação de serviço público tinha relativamente à integração de todos os moçambicanos nos processos de desenvolvimento.

O uso das línguas bantu na mídia se torna cada vez mais acentuado, ganhando mais espaço de antena nos últimos anos. Observe-se que tanto na rádio como na televisão são usadas dezenas de línguas moçambicanas de grupo bantu, permitindo, desta forma, a disseminação da informação que vise alcançar maior número populacional proveniente das zonas suburbanas que, frequentemente, recorre a estas línguas para a comunicação.

Por isso, com enfoque sobre práticas e análise de discurso, o estudo analisa o papel que a mídia, através do uso das línguas bantu, tinha com vista ao combate da Covid-19 em contextos plurilíngues em Inhambane. Ao se evidenciar o recetor como um participante ativo no processo de comunicação mediada pelos meios de comunicação social, vistos como participantes num sistema complexo de interdependências e interações, a análise está assente nos pressupostos teóricos da competência comunicativa de Hymes (1972).

A mídia tem por missão promover e disseminar a informação em tempo útil, com qualidade, de forma a alcançar maior número de telespetadores ou ouvintes. Por isso, à luz da teoria de comunicação de Jakobson (2010), neste estudo, são discutidas questões relativas não só ao uso das línguas bantu (faladas na província de Inhambane) nas mensagens veiculadas pela mídia local sobre Covid-19, mas também o seu impacto na disseminação de mensagens em contextos plurilíngues e, por fim, os desafios impostos a línguas bantu em face da terminologia específica (médica) sobre a Covid-19.

Assim, espera-se que os resultados do estudo contribuam para impulsionar o atual cenário vivido nos meios de comunicação no que concerne aos mecanismos, meios e técnicas viáveis com vista à difusão das mensagens sobre as medidas de prevenção e do combate à pandemia da Covid-19 à população moçambicana e não só.

Quanto à estrutura, o estudo está dividido em quatro seções. A primeira seção diz respeito à introdução, em que são apresentados os objetivos, a teoria de base e a justificativa; a segunda seção é relativa à revisão da literatura; a terceira seção descreve a metodologia; a quarta seção apresenta, analisa e discute os dados; no fim segue a conclusão e as referências.

2 Revisão da literatura

Esta seção é concernente à revisão da literatura. Tendo em contas várias perspetivas de análise, é apresentado o quadro teórico. De igual modo, faz-se a discussão dos seguintes conceitos: língua e identidade sociolinguística, mídia e teorias de comunicação e descrição da situação sociolinguística de Moçambique.

2.1 Quadro teórico: competência comunicativa de Hymes (1972)

O estudo está assente no modelo teórico – competência comunicativa de Hymes (1972). Antes de mais, vale lembrar a importância desencadeada pelos Estruturalistas da Escola de Praga nos anos 30 e 40 no âmbito das teorias de comunicação e funções da linguagem, Jakobson (2010), uma das figuras que mais se notabilizou, considerava que qualquer ato de comunicação verbal fosse composto por seis fatores, a saber: destinador, contexto, destinatário, um contato entre um destinador e um destinatário, um código comum e uma mensagem. Cada fator é o ponto focal de uma relação orientada, ou função, que opera entre a mensagem e o fator.

Todavia, estes seis fatores propostos por Jakobson (2010) não são suficientes para explicar os atos comunicativos numa comunidade de fala. Em ambientes de diversidade linguística, há fatores linguísticos e extralinguísticos que intervêm durante a comunicação; quer dizer, uma

comunicação eficaz implica a interação simultânea da competência linguística do falante, da competência sociolinguística, da competência pragmática, da competência discursiva, bem como da sua competência comunicativa.

A competência comunicativa proposta por Hymes (1972) passa a envolver a produção e a compreensão de afirmações pertinentes e aceitáveis para um ambiente específico. Ela requer o conhecimento do que falar, a quem, em que situação e como expressá-la. Dentro das teorias da comunicação, a competência comunicativa normalmente se relaciona com o comando e as habilidades comunicativas predominantes em uma comunidade específica. Envolve o conhecimento social e cultural que os comunicadores devem possuir, o que lhes permite aplicar e interpretar formas linguísticas. Essa teoria deve ser percebida em relação à proficiência cultural que os oradores trazem em várias circunstâncias (SAVILLE-TROIKE, 2003).

A partir de uma experiência finita de atos de fala e de sua interdependência com especificidades socioculturais, as crianças desenvolvem uma teoria geral da adequação da fala em sua comunidade, que passam a adotar como outras formas de conhecimento cultural tácito (competência) na condução e interpretação da vida social (HYMES, 1972 citado por ALMEIDA, 2010).

Hymes (1972) defende a necessidade de desenvolvimento de uma competência comunicativa por parte dos falantes. Em ambientes plurilíngues como Moçambique, esta competência vai além do conhecimento linguístico que o falante possui. Mais do que adquirir as regras formais da língua, os falantes nativos também adquirem outras regras sociolinguísticas e culturais que podem, igualmente, ser analisadas e descritas. Este autor apresenta uma ampla gama de elementos que integram uma comunicação apropriada, contendo uma variedade de aspectos linguísticos, interativos e culturais que devem ser levados em consideração na tentativa de descrever e explicar a competência comunicativa de cada falante em comunidades de fala específicas.

2.2 Língua e identidade sociocultural

A língua, desde os tempos remotos, é um instrumento desenvolvido pelo homem para interagir verbalmente, exteriorizando o seu pensamento, expressando-se e comunicando-se por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem. De acordo com Saussure (2006), a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. É a língua que garante o contato entre os indivíduos, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguística e socialmente com seus semelhantes.

Na mesma perspectiva, Fischer et al. (1989) defendem que a língua é o meio fundamental da socialização. Entende-se que é pela língua que um indivíduo se torna membro de uma sociedade e interage com os seus convivas. A língua configura-se como produto social e é utilizada para representar, de forma oral ou escrita, pensamentos, sentimentos, sensações, emoções e percepções. Ela é fundamental para a compreensão da identidade de um povo num determinado contexto social.

Para Ducrot e Todorov (1982, p. 152), a “língua define-se como um código e resulta de correspondências entre imagens auditivas e conceitos”. Refletindo na perspectiva social da linguagem, Kristeva (2007, p. 19) diz que a língua é a

parte social da linguagem, exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo indivíduo falante e parece obedecer às leis do contrato social que é reconhecido por todos os membros da comunidade. A língua está isolada do conjunto heterogêneo da linguagem: deste retém apenas um sistema de signos em que o essencial é só a união do sentido e da imagem acústica.

No início das investigações sobre a linguagem humana, tendo sido a linguística a ciência encarregue pelo seu estudo, para os estruturalistas (vd. Escola de Praga), as suas análises centravam-se na descrição (diacronia e sincronia) das línguas, porém, os aspetos relativos à linguagem nos seus diversos contextos sociais e culturais pouco ganhavam atenção, facto, este, que viria a ser resolvido nos anos 50 e 60 com o surgimento da Sociolinguística e da Antropologia Linguística.

Não se pode falar da língua sem se fazer menção ao contexto sociocultural da comunidade onde ela é falada. A língua não pode ser confundida com um mero conjunto de signos e de regras de combinação desses signos. Por isso, neste estudo, o conceito de língua é abordado na perspectiva sociolinguística, que olha para os aspetos sociais, culturais, históricos, humanos, ideológicos, entre outros, como relevantes à materialização da língua nas diversas comunidades de fala, bem como funcionalista, segundo a qual a língua é vista como um instrumento de interação social e destacam-se vários fatores motivadores ao seu uso, isto é, as funções externas à linguagem influenciam a estrutura gramatical das línguas.

Conforme Gundane (2020), relacionando esta visão com a Etnografia de Comunicação de Hymes (1962), que encara a língua como uma forma cultural socialmente situada, note-se que a fala ou os eventos comunicativos devem ser analisados tendo em conta os traços e características de cada grupo étnico. A língua integra-se e realiza-se em contextos comunicativos específicos em sintonia com outras práticas socioculturais vigentes em cada comunidade.

Esta língua, para Gundane (2022), como uma entidade psíquica de duas faces intimamente ligadas entre si (conceito e imagem acústica), ao ser estudada: (i) há que se captar a multiplicidade das suas funções em diversos contextos (familiar, escolar, social e cultural,) em comunidades especificamente bem delimitadas; (ii) há que se construir uma ciência cujos diferentes ramos abrangem os diferentes aspetos da linguagem, isto é, linguagem como sistema, a defendida por Saussure (2006) e pelos seus discípulos do estruturalismo tanto europeu, como americano; linguagem como arte, no domínio da Literatura; linguagem como conhecimento, cabendo à psicolinguística, e linguagem como comportamento, que interessa à sociolinguística.

A língua permite ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar ativamente na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe que se constitua como ser social, ideológico e político, em face do poder que ela possui. Se se pensar a língua (gem) no sentido amplo, de acordo com Chauí (2006), esta se constitui por quatro

fatores fundamentais: (i) fatores físicos (permitem falar, escutar, escrever e ler); (ii) fatores socioculturais (determinam a diferença entre as línguas e entre as linguagens dos indivíduos); (iii) fatores psicológicos (incitam a necessidade e o desejo da informação e da comunicação); e (iv) fatores linguísticos (referem-se à estrutura e ao funcionamento da linguagem, determinantes da competência e/ou performance no uso da linguagem).

Passando para a reflexão sobre o conceito de identidade, na visão de Woodward (2013, p.17) “é algo não unificado ou fixo (...) cada pessoa possui várias identidades que se constituem em relação à diferença, i. e., uma identidade é sempre estabelecida em relação à outra, o que significa que a diferença é relativa e compreende aquilo que não se é”. No mesmo diapasão, Silva (2013) sustenta que a identidade não é fixa, tampouco estável. Ela é uma construção e, por isso, inacabada, fragmentada e contraditória, pois reflete toda a heterogeneidade e os conflitos que permeiam a vida em sociedade. Vista sob este prisma, a identidade passa a ser concebida como uma atividade individual e, ao mesmo tempo coletiva, agregando valores censitários, como o sexo e etnia, os papéis sociais, as decisões e posturas sociais.

Conforme os autores supracitados, pode-se depreender que o processo de valorização ou não de uma identidade engloba questões de poder, resultando na valorização da parte que mais se aproxima das normas pré-estabelecidas socialmente em detrimento da mais próxima do que se considera não ideal. Por conseguinte, quando uma identidade é estabelecida, alguns indivíduos pertencerão a ela e outros serão excluídos.

A identificação constrói-se a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (SILVA, 2013). Assim, a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição (uma identidade) pelo que, a identificação de um indivíduo vai-se deslocando ou se transformando ao longo da vida de acordo com os contextos sociais em que ele se insere.

Entretanto, a língua e a identidade relacionam-se intrinsecamente, uma vez que a língua exerce um papel fundamental na constituição da identidade de um indivíduo ou de um povo, pois é através da linguagem que o indivíduo constrói sua (s) identidade (s) (OLIVEIRA, 2006). Quando se discute a relação entre língua e identidade, é inevitável alargar o debate às questões de linguagem e cultura. A cultura é “um complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55).

Sabe-se que ao longo da vida, os indivíduos passam por constantes processos de identificação e desidentificação com aquilo que os interpela, pelo que se pode afirmar. É neste sentido que para Bakhtin (1998, p. 46), “não há cultura sem língua, nem língua desprovida de cultura. Não há identidade desvinculada da língua, nem língua que não pressuponha a construção de uma identidade”.

A língua, a cultura e a identidade são conceitos interligados. É por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida e, é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação, ou seja, a cultura constrói-se por meio da língua e, ao produzir sentidos sobre algo, constrói

identidades. Essas identidades só adquirem significado com base num conjunto de atributos culturais que se relacionam mutuamente e que se sobressaem com relação a outros atributos.

A língua e a identidade caracterizam-se pelo constante processo de construção. Apesar de possuírem um corpo sistemático que as constitui, não são herméticas, prontas e acabadas, pois são passíveis de transformação em função do contexto histórico, social, político e cultural em que se insere cada indivíduo. Neste contexto, pode-se falar da identidade bantu mediante a existência de uma identidade não-bantu, pelo que se comprova a ideia de que a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído, daí a sua inconstância e instabilidade. Trata-se de uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.

Relacionando a língua com a identidade à luz das relações de poder (inclusão e exclusão), fica claro que em Inhambane, o uso da língua portuguesa (LP) nos vários meios de comunicação social constitui um instrumento de exclusão àquela população que tem esta língua como segunda (L2). Pelo contrário, o uso das línguas bantu revela-se como um instrumento motivador e de inclusão da maioria que tem estas línguas como L1, visto que é a sua língua de comunicação mais ampla e permanente nas suas relações socioculturais.

2.3 Situação linguística de Moçambique

Moçambique é um país caracterizado pela diversidade linguística e cultural, onde, além das línguas de sinais, a LP coexiste com as línguas bantu que são maioritariamente faladas pela população, com línguas de origem asiática e islâmicas (Mandarim, Urdo, Gujarati, Indi, Árabe e Memane) e com as línguas das ex-colónias britânicas e francesas. Esta diversidade linguística faz de Moçambique um país plurilíngue e pluricultural, resultado de convivências entre várias etnias, línguas e culturas (NHAMPOCA, 2015; FIRMINO, 2015; LEMOS, 2018; GUNDANE, 2019).

Esta diversidade linguística faz com que se verifique a possibilidade de escolhas por vários códigos distintos por parte da população. Por isso, Firmino (2015) argumenta que Moçambique é um país linguisticamente heterogêneo, onde coexistem diversas línguas. Os dados dos últimos censos populacionais têm indicado que as línguas autótones são as mais faladas pela maioria da população. Elas exercem funções simbólicas importantes.

No que respeita ao número e línguas bantu faladas em Moçambique, não há consenso. Há literatura que considera cerca de 40 línguas e há a que considera 20 línguas, como é o caso da Seção de Línguas Bantu da UEM. Das 20 línguas, 19 não só são atualmente ensinadas no curso de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu na Universidade Eduardo Mondlane, mas também estão presentes no âmbito do ensino bilíngue (NHAMPOCA, 2005; GUNDANE, 2019). Por seu turno, Timbane (2015, p. 93) sustenta que o “país possui mais de vinte línguas bantu que estão distribuídas de forma desigual ao longo do território”.

Segundo INE (2019), os dados da atual situação linguística de Moçambique mostram que o Emakhuwa é a L1 mais falada no país. Em 1997, o Xichangana foi a segunda língua mais falada, e, para os censos

seguintes, foi substituída pelo Português, com uma tendência crescente, passando de 11.8% em 2007 para 18.7% em 2017. A maior parte da população de 5 e mais anos tem como língua materna o Emakhuwa com 29.5%, seguido de Português e Xichangana com 18.7% e 9.7%, respectivamente.

Em Moçambique, coexistem várias línguas, em que, na maioria dos casos, os falantes são bilíngues, alguns plurilíngues (falando mais de duas línguas) e outros ainda monolíngues. As línguas e as culturas estão expostas e se manifestam livremente nos indivíduos, de tal modo que não é possível separá-las uma das outras ou impedir que elas dialoguem e se adaptem aos contextos.

Em relação à província de Inhambane, que constitui o objeto do presente estudo, ela está localizada na região sul de Moçambique. A sua capital é a cidade de Inhambane. Situada no topo da região sul de Moçambique. A província de Inhambane está limitada a norte pelas províncias de Sofala e Manica, a leste e sudeste pelo Oceano Índico e a sul e oeste pela província de Gaza. Em termos de situação administrativa, a província está dividida em 14 distritos. Trata-se de: Inhambane, Funhalouro, Govuro, Homoine, Inharrime, Inhassoro, Jangamo, Mabote, Massinga, Maxixe, Morrumbene, Panda, Vilanculos e Zavala.

Em termos linguísticos, segundo os dados do último Recenseamento Geral da População e Habitação realizado em 2017, na província de Inhambane são faladas, como L1, pela população com idades compreendidas entre 5-80 (e mais) anos, as seguintes línguas: Português, Gitonga, Xichangana, Citshwa, Cicopi, Xirhonga, línguas de sinais, outras línguas moçambicanas não identificadas, línguas estrangeiras também não identificadas e outras línguas desconhecidas (INE, 2019).

Paralelamente à distribuição geográfica das línguas bantu nesta província, o Cicopi é falado nos distritos de Zavala, Inharrime e Homoine; o Gitonga abrange os distritos de Inhambane, Maxixe, Morrumbene, Jangamo e Homoine; o Citshwa é falado nos distritos de Homoine, Panda, Massinga, Vilankulo, Inharrime e Funhalouro; e o Cindawu no distrito de Govuro. Em Inhambane, a situação linguística dominante consiste num bilinguismo generalizado, onde a língua local e a LP são, alternadamente, faladas pela população.

Em contextos de diversidade linguística como Inhambane, por exemplo, o plurilinguismo deve ser entendido como um fenómeno natural que visa promover e reconhecer os diferentes traços e códigos linguísticos de que a população se serve para garantir a comunicação nas suas diversas esferas de vida sociocultural na comunidade linguística em que ela vive.

Há um reconhecimento de que cada um tem a sua base cultural e que todos os membros da sociedade reconhecem e assumem as diferenças étnicas e linguísticas como fatores de enriquecimento sociocultural e que a convivência de diversas culturas no contexto nacional ou internacional reveste-se de capital importância, pois há troca de experiências enriquecedoras pelos envolvidos, o que exige a competência plurilíngue.

2.4 Mídia

Mídia refere-se aos canais de comunicação usados para armazenar e fornecer informações ou dados. Abrange componentes de comunicação de massa, como imprensa, publicação, fotografia, cinema, transmissão (rádio e televisão) e publicidade e tem funções de vigiar, integrar, transmitir a herança cultural, entreter e divertir, etc. A mídia e os processos de comunicação por ela comandados são capazes de controlar, estimular e reforçar comportamentos padronizados e repetitivos dos indivíduos no sistema social.

Para Bessa (2006), o termo 'comunicação de massa' pode ser conceituado sinónimo de mídia e tem de ser realizado através meios de comunicação de modo a atingir as multidões. A mídia diz respeito ao volume e à forma como esses meios passam informações; padronizar linguagens a fim de alcançar multidões.

Relativamente às pandemias, Ricker (2017) e Sambhav (2020) afirmam que o papel fundamental da mídia é informar, educar e divertir a sociedade. Seja um espetador, seja um ouvinte, a comunicação de massa forma a maneira como as pessoas experienciam o mundo.

Na asserção de Hugelius, Adams e Romo-Murphy (2019), hoje, a comunicação de crise é considerada parte integrante da resposta à saúde de desastres. O acesso a informações confiáveis numa língua facilmente compreensível e culturalmente apropriado faz parte do padrão humanitário central. Aconselhamento sobre onde procurar assistência médica e promoção do auto-cuidado pode resultar no uso eficaz de recursos médicos. Além disso, aumentar proativamente à consciencialização do público sobre como reduzir os problemas de saúde pode aliviar o fardo dos serviços médicos.

Neste estudo, em função dos objetivos anteriormente delimitados, apenas são discutidos dos meios de comunicação, designadamente, rádio e televisão.

2.4.1. Rádio

A rádio ocupa um lugar de destaque na história da comunicação. Desde a sua criação, além de comunicar e entreter, ela foi relatora de guerras, instrumento de denúncia, transmissões desportivas e de fatos que marcaram o mundo. Através de emissoras de rádio, as pessoas são informadas sobre assuntos que acontecem na região, no país e no mundo, dependendo da importância dos fatos. Diferente da televisão, a rádio não tem a imagem, mas conta com a agilidade e a perspicácia de seus locutores e apresentadores para conquistar a credibilidade e a confiabilidade do público ouvinte. Por ser um veículo popular, as emissoras de rádio flexibilizam conteúdos para atender o maior número possível de pessoas, exceto as emissoras especializadas em nichos específicos (ZANELLA; SPRANDEL, 2009).

Percebe-se que a rádio como fonte de informação constitui um meio de comunicação fundamental e eficiente para a disseminação da informação e do entretenimento das pessoas, porque permite que, em poucos minutos, ouvintes que estejam a ela conetados possam saber, em tempo hábil, tudo o que acontece a nível local, provincial, nacional e

internacional. A rádio oferece serviços variados ao ouvinte no campo da informação e do conhecimento (entretenimento, notícias, etc.,) (SIMANGO, 2020).

Para finalidade deste estudo, apenas foi selecionada a RM, Emissor Provincial de Inhambane, por ser uma das principais emissoras radiofônicas que alcança maior número populacional residente nas comunidades rurais, que, geralmente, possui uma língua bantu como L1.

2.4.2. Televisão

Tal como sustenta Simango (2020), as emissoras conseguem mostrar para a sociedade os fatos e/ou acontecimentos praticamente no momento em que ocorrem. A televisão acaba se tornando uma ferramenta de descontração diariamente dos telespetadores. A sua descoberta foi muito importante para história da mídia. Integrando a imagem, som e o movimento, a televisão é colocada como principal objeto nas salas das famílias, apresentando programas e indicativos para todas as idades.

A televisão é relevante na transmissão de informações e na educação dos indivíduos. Mas, obviamente, sozinha, ela não é capaz de educar qualquer indivíduo. Para que ela possa exercer uma ação educativa, precisará apoiar-se num plano pedagógico e cultural. Ou seja, a ação educativa da televisão será eficaz quando for acompanhada por um apoio externo, que lhe trará orientações importantes, de caráter didático e social (LOLLA et al., 2011).

À medida que os casos das pessoas infetadas aumentavam diariamente em Moçambique, a responsabilidade da mídia de informar as pessoas tornava-se indispensável. A televisão e a rádio tinham uma responsabilidade de entreter os espetadores e o público, fornecendo dados relevantes e genuínos. Nesse período de pandemia, tanto em LP, como em línguas bantu, a televisão e a rádio deviam ser usadas como uma das fontes com vista à transmissão de informações relativas às medidas de prevenção e de combate à Covid-19.

Uma das medidas para combater a propagação da pandemia da Covid-19 residia no fato de o público estar sempre atento a informações precisas transmitidas diariamente pela rádio e televisão, bem como à necessidade de consciencialização de todos e a disseminação de outras medidas preventivas. A consciencialização envolvia a atualização frequente da população sobre desenvolvimento do coronavírus em todo o mundo, incluindo Moçambique. Esta campanha visava criar consciência entre os indivíduos sobre a situação em suas comunidades, países vizinhos e no mundo em geral.

3 Descrição dos procedimentos metodológicos

Esta seção descreve os procedimentos metodológicos adotados quer para geração de dados, quer para a sua análise e interpretação. Quanto aos objetivos, corroborando com Santaella (2006) e Vergara (2010), trata-se de uma pesquisa exploratória, na medida em que, através do uso das línguas bantu, o estudo analisa o papel da rádio e televisão no combate à Covid-19 em contextos plurilíngues. O estudo é de campo, com o qual se procedeu à observação e descrição de fatos e fenômenos no local previamente delimitado. Para o efeito, o trabalho de campo decorreu

entre os meses de Junho a Dezembro de 2020 na província de Inhambane, concretamente nos distritos de Inhambane, Zavala, Maxixe e Homoine.

3.1 Técnicas e métodos de geração e análise de dados

Na primeira fase, durante a geração de dados, foi usada a pesquisa bibliográfica, que permitiu a recolha de diversos materiais, fontes de natureza primária e secundária, que serviram de base para a fundamentação teórica com vista à compreensão e explicação do fenómeno em estudo. Trata-se de textos que incidem sobre a Covid-19, mídia, televisão, rádio, situação linguística de Moçambique, língua e identidade sociocultural e competência comunicativa. Por isso, recorreu-se sobretudo a Bakhtin (1998); Bessa (2006); Chauí (2006); Almeida (2010), Ricker (2017), Saussure (2006), Firmino (2015), Gundane (2019, 2020, 2022), Holenstein (1978), Hymes (1972), Jakobson (2010), Nhampoca (2015), Rajagopalan (2006), entre outros. Refira-se que estes textos foram extraídos em diversos manuais, revistas académicas de especialidade, teses e dissertações.

De igual forma, contendo questões abertas, de entre elas, gerais e específicas inerentes ao papel do uso das línguas locais no combate à Covid-19, foi aplicado um inquérito por meio do questionário⁴. Tal como defendem Dornyei & Taguchi (2010), existem duas abordagens quanto à elaboração do questionário: a primeira, que consiste na produção de tabelas, em que se busca várias opiniões relativas a um determinado fenómeno, onde os informantes apenas marcam e/ou assinalam as respostas que acharem mais adequadas; e segunda, a mais adequada a pesquisas qualitativas, tal como os autores recomendam, foi adoptada para o presente estudo, à medida que os informantes fizeram uma ‘auto-administração’ das questões, sem, necessariamente, terem estado em contacto directo com os pesquisadores, produzindo respostas às questões que lhes foram administradas.

Neste sentido, o questionário foi aplicado à população-alvo previamente seleccionada. Esta técnica envolveu não só falantes das línguas locais (bantu) como L1 residentes nos distritos acima arrolados, que constituíram um universo populacional de 50, distribuídos da seguinte forma: distrito de Inhambane (15), Zavala (10), Maxixe (15) e Homoine (10), como também 5 funcionários, sendo 3 da RM e 2 da TVM. Destes, sem nenhum critério de seleção, pautou-se por uma amostra aleatória (May, 2004; Vergara, 2010), representada por 20 informantes provenientes do primeiro grupo e 4 do segundo, totalizando 24 elementos, correspondentes a 100% da amostra do estudo.

Na segunda fase, a da análise e interpretação de dados, o método de análise de conteúdo (Bardin, 1977) foi adoptado, porque se pretendia analisar os 7 áudios correspondentes aos *spots* publicitários sobre Covid-19 produzidos nas línguas bantu (Gitonga, Citshwa e Cicopi) pelo MISAU, obtidos na RM. Por isso, se recorreu aos estudos modernistas no quadro teórico de Análise Crítica de Discurso (Fairclough, 2001)⁵, com vista à

⁴ Para Carvalho (2009), a popularidade do questionário relaciona-se com o fato de ser uma técnica atrativa e extremamente versátil, a única capaz de fornecer informações mais detalhadas sobre um determinado fenómeno em estudo.

⁵ Este autor defende uma noção de discurso que envolve desde aspectos textuais até aspectos sociais, como relações de poder, ideologia e lutas hegemônicas. Na análise de discurso, há uma relação dialética entre sociedade e discurso. Isso significa que o discurso se constitui socialmente e, ao mesmo tempo, constrói, estrutura e organiza a sociedade (CAVALCANTI, 2021).

análise e interpretação dos áudios. Fairclough (2001) atribui um papel fundamental para o discurso na constituição dos sujeitos sociais. Por implicação, as questões de subjetividade, identidade social e domínio do eu devem ser do maior interesse nas teorias de discurso e linguagem.

Assim, os áudios são, neste estudo, entendidos como a materialidade discursiva de tais eventos neles descritos. E, como fundamenta Cavalcanti (2021), é por meio da análise dessa “materialidade” que se pode refletir sobre as relações de poder e as ideologias que todo discurso sustém.

A discussão dos dados consistiu na análise do processo interativo no quadro das teorias de comunicação e informação de Jakobson (2010) e Hymes (1972). Trata-se de modelos que permitiram mostrar o papel do recetor (ouvinte/telespetador) como um participante ativo no processo de comunicação mediada pelos meios de comunicação social, a RM e a TVM, vistos como participantes num sistema complexo de interdependências e interações.

Em paralelo com o instrumento adoptado (questionário), o estudo seguiu a abordagem qualitativa que, segundo Michel (2005), permite a descoberta, a identificação, a descrição aprofundada e a geração de explicações. Busca o significado e a intencionalidade dos atos, das relações e das estruturas sociais. A escolha desta abordagem tornou-se útil ao estudo para a interpretação das opiniões, ideias, perspectivas e respostas dos informantes em relação à sua atitude linguística uma vez questionados sobre o papel do uso das línguas bantu nas mensagens sobre Covid-19 transmitidas pela mídia local.

4. Apresentação, análise e discussão de dados

Esta seção procede à apresentação, análise e discussão de dados. Para uma melhor organização dos conteúdos, a primeira parte analisa os dados obtidos através do questionário que foi aplicado a 4 (17%) funcionários da RM e TVM; a segunda parte faz a análise e a interpretação dos dados obtidos através do questionário aplicado aos 20 falantes (83%) das línguas bantu como L1 nos distritos de Inhambane, Homoine, Maxixe e Zavala; no fim, segue a terceira parte com a análise dos 7 áudios correspondentes aos *spots* publicitários sobre Covid-19 produzidos pelo MISAU nas línguas Gitonga, Citchwa e Cicopi, obtidos na RM; e à Covid-19 nas línguas Gitonga, Citchwa e Cicopi.

4.1. Transmissão dos conteúdos sobre a Covid-19 em línguas bantu na RM e na TVM

Segundo os 4 inqueridos, correspondentes a 17% da amostra do estudo, em termos de uso, enquanto a LP é, maioritariamente, por eles usada em casa e no local de trabalho, as línguas bantu somente são usadas ao longo das emissões, principalmente durante os jornais locais. Referem, ainda, que a expansão da informação para as comunidades rurais constituiu um dos motivos que levou tanto a RM como a TVM a introduzir as línguas bantu nos seus programas diários. Relativamente às estratégias usadas para transmitir os conteúdos sobre a Covid-19 em línguas bantu, as duas emissoras usavam a linguagem popular, tendo em conta as línguas amplamente faladas na província de Inhambane.

Todos os inqueridos, 17%, sublinham que os ouvintes da RM e os telespectadores da TVM têm conhecimento sobre a introdução das línguas bantu em ambas emissoras. Face a este cenário, a população tem reagido positivamente, pois a informação lhes chega nas melhores condições. No entanto, tratando-se de uma província plurilíngue, em Inhambane, a transmissão de mensagens sobre a Covid-19 deveria ser feita em todas as línguas amplamente faladas pela população como forma de manter toda a população devidamente informada.

E, para que o informe do MISAU sobre a Covid-19 (e as demais medidas de prevenção na sua maioria na LP) veiculado pela rádio e televisão fosse inclusivo, seria fundamental que todas as mensagens e/ou informações fossem traduzidas para as línguas bantu e transmitidas com frequência ao longo das emissões. Ainda que a língua seja um dos imprescindíveis fatores clássicos da comunicação propostos por Jakobson (2010), o estudo fundamenta-se por outros de natureza extralinguística que, de certa forma, podem intervir no ato comunicativo. Trata-se de fatores de natureza fisiológica (deficiência auditiva ou visual) e psicológica (interesse, fadiga) (OLIVEIRA, 1993).

Neste sentido, em cada ato elocutório, torna-se importante que o falante adeque não só o saber linguístico às situações socioculturais da comunidade de fala em que se encontra, como também ao meio em que se processa a comunicação. Isto implica um conjunto de saberes, conhecimentos, práticas e habilidades que são necessários para a realização efetiva da comunicação. Por isso, a análise do papel da mídia no combate à Covid-19 em contextos plurilíngues em Moçambique é desenvolvida no âmbito das abordagens de Hymes (1972).

Em conformidade com os 4 inqueridos (17%), todos são unânimes e afirmam que o uso das línguas bantu na mídia para a transmissão das medidas de prevenção sobre a pandemia da Covid-19 foi visto como positivo pela população, uma vez que até o cidadão em zonas recônditas tinha acesso a esta informação. Os idosos sabiam como se prevenir da Covid-19 graças ao trabalho efetuado pela mídia local. Por conseguinte, assistiu-se a uma redução dos casos como resultado da disseminação abrangente das medidas de prevenção que eram bem acatadas pela população. Não obstante, para os inqueridos, a não veiculação destas medidas em línguas locais favoreceria os falantes da LP como L1 residentes nos grandes centros urbanos, colocando em causa o direito à informação daquela população que tem a LP como L2.

Efetivamente, a transmissão das mensagens em línguas bantu respeita os direitos linguísticos do povo, porque todos têm o acesso à informação completa e integral, independentemente da raça, crença, cor, religião. Reforça-se aqui a relação entre língua, cultura e identidade, quer dizer, as mensagens eram transmitidas de acordo com o contexto cultural da comunidade local. É, por isso, que a análise linguística transcende o nível gramatical e nela são envolvidos vários aspectos culturais. Conforme Hymes (1972), a teoria linguística deve ser integrada como uma teoria de comunicação e cultura (Almeida, 2010).

No que tange aos desafios que se impõem à RM e TVM no âmbito do uso das línguas bantu, todos os 4 inqueridos (17%) concordaram, quer na necessidade de se alargar o horário de emissão em nestas línguas, quer na criação de programas em línguas bantu pelo menos 4 vezes por dia.

Atualmente, por exemplo, na RM, durante as 24 horas de emissão, as línguas bantu ocupam quase 19 horas.

Porém, vários desafios foram colocados pelos inqueridos relacionados à terminologia técnica em face da ausência de livros, dicionários, prontuários que contenham o léxico atinente à Covid-19. É urgente a criação de modelos que norteiem a produção de livros específicos com terminologia sobre a Covid-19. Encontrar termos científicos devidamente traduzidos para as línguas bantu constitui um grande dilema, porque os programas são transmitidos de acordo com o contexto cultural do povo de Inhambane. Como solução, como referiram os inqueridos, com vista à integração do léxico da LP na língua bantu, eles têm usado algumas estratégias, de entre elas: buscar-se sempre expressões ou termos similares e, posteriormente, proceder-se à sua tradução.

4.2 Línguas bantu no combate à Covid-19 nos distritos de Inhambane, Homoine, Maxixe e Zavala

Esta subseção descreve e analisa os dados obtidos através da aplicação do questionário a 50 falantes nativos das línguas bantu, residentes nos distritos de Inhambane (15), Zavala (10), Maxixe (15) e Homoine (10). Todavia, deste universo, como se fez menção na metodologia, considerou-se uma amostra representativa de 20 elementos, distribuídos da seguinte forma: distrito de Inhambane (5), Zavala (5), Maxixe (5) e Homoine (5), que correspondem a 83% da amostra do estudo.

Em termos de funcionalidade, em comunidades plurilíngues, as línguas bantu têm um impacto significativo no seio familiar, em ambientes religiosos e nos demais contextos socioculturais e, naturalmente, garantem a coesão social entre todos os membros pertencentes à mesma comunidade de fala. Em alguns contextos, como defendem os 20 inqueridos (83%), elas são usadas para garantir a comunicação entre pessoas que não falam e nem percebem a LP e para conversas de interesse pessoal.

Nos 4 distritos em que foi feita a pesquisa, pelo fato de os informantes não serem falantes nativos da LP, segundo eles, vendo imagens a partir da televisão e, escutando mensagens viradas principalmente para a prevenção e combate à Covid-19 veiculadas pela mídia local na sua L1, os 20 informantes, constituindo 83%, mostravam-se privilegiados, valorizados e honrados, visto que a mídia lhes proporcionava uma informação pontual na sua L1, uma informação que facilmente se expandia para todas as comunidades que não falavam e muito menos escrevem em LP.

Semelhantemente à visão dos profissionais da RM e TVM, nos 4 distritos, reiteraram os 20 inqueridos (83%) que a transmissão das mensagens sobre a Covid-19 devia ser abrangente, isto é, a mídia devia usar todas as línguas que fazem parte do mosaico linguístico de Inhambane. Tanto na televisão como na rádio seria importante que houvesse programas específicos em línguas bantu que retratassem assuntos ligados à pandemia da Covid-19 e a outras doenças crônicas e/ou endêmicas.

Questionados sobre o nível de compreensão das mensagens sobre a pandemia da Covi-19 que eram transmitidas na sua L1 comparativamente com as que eram transmitidas em LP, dados recolhidos dos 20 inqueridos (83%) mostravam que as mensagens em LP e nas línguas locais eram compreendidas pela população. Mas, tratando-se de uma comunicação abrangente à escala nacional, 3 inqueridos, correspondentes a 13% da amostra global, recomendaram o uso da LP pelo fato de ser a língua oficial e melhor compreendiam as mensagens que eram transmitidas nesta língua em relação às que eram veiculadas numa língua bantu.

A transmissão das mensagens sobre a Covid-19 em línguas bantu era, no geral, vista como benéfica. Cada falante, em função da sua L1, em qualquer lugar onde estivesse, recebia a informação exata, fato que contribuiu para uma implementação correta dos métodos da prevenção. Com esta ação, a mídia desempenhou um papel fundamental, porque fez chegar a mensagem a todos os moçambicanos em tempo útil (todas as pessoas tinham um mínimo conhecimento sobre as medidas de prevenção).

O uso das línguas bantu constituiu um grande avanço do país rumo à valorização e integração destas línguas em diversos contextos. São línguas vistas como um vetor-chave e decisivo na prevenção da Covid-19. Seria importante que toda a população moçambicana tivesse o conhecimento sobre esta pandemia através das imagens, músicas, noticiários veiculados em línguas bantu. Conforme os 20 inqueridos, esta ação foi notável, visto que existia uma abrangência na comunicação devido à transmissão da informação em línguas bantu.

Porém, uma eventual situação contrária a esta, segundo os inqueridos, não se respeitaria a cultura local e os direitos linguísticos a que este povo tem e, por conseguinte, estes não saberiam como se prevenir, ressaltando-se a questão de exclusão social, ou seja, eles não saberiam como interpretar as mensagens transmitidas em LP. Nest ordem de ideias, sustenta Santos (2016, p. 18) que as “línguas designam apenas aquilo que faz parte do universo existencial das pessoas”.

Portanto, para terminar, para que o informe diário do MISAU sobre Covid-19 transmitido pela mídia fosse inclusivo, era necessário que houvesse: disseminação da informação sobre a Covid-19 em todas as redes de comunicação social na L1 amplamente falada em cada província; adoção de formas abrangentes e eficazes para que a população acompanhasse na íntegra as mensagens atinentes à prevenção da Covid-19; capacitação dos membros fluentes nas línguas bantu no seio das comunidades com vista à expansão e massificação das campanhas de sensibilização da população e publicitação regular dos relatórios do MISAU em línguas locais.

4.3 Interpretação dos áudios dos *spots* publicitários

Durante o estudo, foram analisados e interpretados 7 áudios correspondentes aos *spots* publicitários sobre Covid-19 produzidos nas línguas Gitonga, Citshwa e Cicopi pelo MISAU, obtidos na RM. Visando dar vivacidade e expressividade ao texto, refira-se que algumas mensagens foram adequadas a certas canções populares. A mensagem contida nos áudios era associada a aspectos ligados à cultura local; trata-se, por

exemplo, do recurso aos ideofones⁶. O texto era marcado e apresentava uma estrutura fonético-fonológica típica das línguas Gitonga e Citshwa.

Foi possível verificar que os sons possuíam uma distribuição harmônica adequada à mensagem que se pretendia transmitir e uma distribuição tonal variável (o tom constitui uma das características das línguas bantu). A escolha de uma melodia de canções já conhecidas pela população, a entoação e a rima, todos estes elementos tornaram a mensagem mais expressiva e mais comunicativa, expressando-se a realidade sociocultural local.

Em conformidade com a lei de imprensa, os órgãos de comunicação e informação têm, no seu conjunto de atividades, a recolha, o tratamento e a divulgação pública da informação sob forma de publicações gráficas, radiofônicas, televisivas, cinematográficas, etc. à comunidade⁷.

Desta forma, no período em que foi desenvolvido o estudo, era notável a intensificação de transmissão de mensagens sobre as medidas de prevenção e combate à Covid-19 em várias línguas moçambicanas de grupo bantu por parte da RM e TVM.

No que diz respeito à barreira linguística, repare-se que os 20 falantes (que fazem parte do estudo) das diferentes línguas bantu como L1 em Inhambane acompanhavam e escutavam diversas notícias sobre a pandemia na rádio em LP, liam tanto as publicidades sobre a Covid-19, como também os *spots* publicitários veiculados pela televisão em LP, que constitui a sua L2. Todavia, o estudo sugere a necessidade da transmissão desta informação na L1 do falante, ainda que se trate de grandes desafios para estes órgãos de comunicação social.

5 Conclusão

Tendo em conta o uso das línguas bantu, o estudo pretendia analisar o papel da mídia, com enfoque sobre a RM e a TVM, empresas públicas, no combate à Covid-19 em Inhambane. Durante o estudo, paralelamente às abordagens sócio-antropológicas de Hymes (1972), foi possível demonstrar que a disseminação das mensagens nas línguas locais de grupo bantu garantiu a tripla relação: língua, cultura e identidade, ou seja, a língua não se desvinculava da cultura. As línguas constituem elementos-chave da cultura em sintonia com outras práticas socioculturais referentes a cada comunidade de fala.

Portanto, o uso das línguas bantu na RM e na TVM deu, aos nativos, o direito de serem informados na sua L1. O estudo provou que as línguas bantu constituem a identidade linguística dos inqueridos. Por isso, a transmissão das informações nestas línguas implicava, naturalmente, a preservação da sua cultura e da sua identidade.

Referências

- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. [Trad. Aurora F. Bernadini, José P. Junior, Augusto G. Júnior, Helena Sprydis Nazário, Homero Freitas de Andrade]. 4ª Ed. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1998.

⁶ Ideofones são definidos como (i) palavras marcadas que descrevem ou representam o sensorio de imagens; (ii) são marcadas, pois se distinguem completamente de outras palavras face à sua estrutura fonológica, tom e acentuação (DINGEMANSE, 2012).

⁷ ANTEPROJECTO DE REVISAO DA LEI DE IMPRENSA (Revisão pontual da Lei n.º18/91, de 10 de Agosto).

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BESSA, D. D. **Teorias da Comunicação**. Brasília: Escola Pro-funcionário, 2006.
- CALDAS, P. **O papel e importância das mídias sociais na prevenção do coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-papel-e-importancia-das-midias-sociais-na-prevencao-do-coronavirus>. Acesso em 7/07/2020.
- CARVALHO, J. E. **Metodologia do trabalho científico: saber fazer da investigação para dissertações**. 2ª ed. Lisboa: Editora Escolar, 2009.
- CAVALCANTI, M. C. C. Antropoceno: a construção discursiva de um conceito. In: *Revista Investigações*, v. 34, n. 2, 2021, p. 1-28.
- CHAUÍ, M. A linguagem. In: **Convite à filosofia**. 13ª Ed., São Paulo: Ática, 2006.
- DE ALMEIDA, V. P. Competência Comunicativa e Abordagem Comunicativa: Dell Hymes Fragmentado. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 35, n.º 59, 2010, p. 44-57.
- DE OLIVEIRA, H. J. C. **Elementos de gramática de comunicação**. Aveiro: FEDRAVE, 1993.
- DE RICKER, A. The role of broadcasting media in communication for development. In: **AIBD Annual Media Research**. ResearchGate. Asia Pacific Institute for Broadcasting Development, 2017, p. 7-65.
- DE SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DINGEMANSE, Marc. "Advances in the Cross-Linguistic Study of Ideophone". In: *Language and Linguistic Compass*. Blackwell Publishing, 2012, p. 654-672.
- DORNYEI, Z.; TAGUCHI, T. **Questionnaires in second language acquisition research: construction, administration and processing**. 2ª Edição. New York: Routledge. University of Nottingham, 2010.
- DOS SANTOS, N. R. **Estruturadores do discurso na aula de português em Moçambique**. Maputo: Alcance, 2016.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das Ciências de Linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. [trad. Sandra Castello]. São Paulo: Unesp, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FIRMINO, G. Diversidade linguística e desenvolvimento nacional: questões sobre política linguística em Moçambique. In: **Revista científica da UEM: Série. Ciências Sociais**, v. 1, n.º 2, 2015, p. 118-129.
- FISCHER, G. et al. **Didáctica das línguas estrangeiras**: Lisboa: Universidade Aberta, 1989.
- GUNDANE, L. (2022). Uma Abordagem Interdisciplinar da Variação e Mudança Linguística do Português na Comunidade Tshwa: In: SERRA, P., et al. (Org). **Língua Portuguesa, Literatura e formação de Leitores**: Textiverso Editora. I. Camões, 2022, p. 229-246.

- GUNDANE, L. Política linguística: educação inclusiva em contextos de diversidade linguística e cultural em Moçambique. In: **Revista científica da UEM: Série. Ciências Sociais**, v. 1, n.º 2, 2019, p. 112-125.
- GUNDANE, L. Práticas e Gestão da Diversidade Linguística na Comunidade Tshwa: Compulsando sobre a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996. In: MAPERA, M.; SANTOS, N. (Orgs). **Educação, Cultura e Linguagem em Moçambique**. Beira: Editorial Fundza, 2020.
- HOLENSTEIN, E. **Introdução ao pensamento de Roman Jakobson**. [Trad. de Roberto Cortes de Lacerda]. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HUGELIUS, K.; ADAMS, M; ROMO-MURPHY, E. The power of radio to promote health and resilience in natural disasters: a review. In: **International Journal of Environmental Research and Public Health**. 201, v.16, n.º 14, p. 1-11.
- HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Eds). **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972, p. 269-293.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017: Resultados Definitivos – Moçambique**. Maputo: INE, 2019.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22.ed. [Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Pães]. São Paulo: Cultrix, 2010.
- LEMOS, A. F. F. C. Língua e cultura em contexto multilingue: um olhar sobre o sistema educativo em Moçambique. In: **Educar em Revista**. Curitiba, v. 34, n. 69, 2018, p. 17-32.
- LOLLA. D. M. et al. A televisão como veículo de informação: uma linguagem de imagens e sons. In: **Universitária- Revista Científica do Unisaesiano – Lins – SP**, n.3, 2011, p. 69-80.
- MABASSO, E. Televisão, política linguística e direito à informação: desafios para o ensino da comunicação em Moçambique. Comunicação apresentada ao 1º CONGRESSO MOÇAMBICANO DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Maputo: ESJ, 2013. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper>. Acesso em 26 de Junho de 2020;
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed. [Trad. Carlos Soares], 2004.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **COVID-19 em Moçambique: Relatório do 1º Ano (2020-2021)**. Maputo: MISAU, 2021.
- NHAMPOCA, E. Ensino bilingue em Moçambique: introdução e percursos. In: **Work. Pap. Linguíst.**, n.º. 16, v.2. Florianópolis, 2015, p. 82-100.
- OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da identidade. Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Unesp, 2006.
- OMS. **Coronavirus disease (COVID-19)**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. (2023). Acesso em 7 de Dezembro de 2023.

- RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORIN, I. (Org.). **Língua (gem) e identidade**. 4ª. Ed., Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- SAMBHAV, S. "Role of mass media and communication during pandemic COVID-19. In: **International Journal of Creative Research Thoughts**, v. 8, n.º 5, 2020, p. 3786-3790.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projectos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2006.
- SAVILLE-TROIKE, M. **The Ethnography of Communication: An Introduction**. 3ª ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais**. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2013.
- SIMANGO, F. J. **Contributo da rádio e televisão para a promoção do turismo no Município de Inhambane**. (Tese de licenciatura não publicada). Curso de Licenciatura em Informação turística. Inhambane: ESHTI, 2020.
- SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2ª ed. Revista e Ampliada. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.
- TIMBANE, A. **A complexidade do ensino em contexto multilingue em Moçambique: políticas, problemas e soluções**. Maputo: ACIPOL, 2015.
- UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Barcelona, 1996. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. acesso em 26 de Julho de 2020;
- VERGARA, S. C. **Projectos e relatórios de pesquisa em administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais**. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 2013, p. 7-69.
- ZANELLA, G.; SPRANDEL, M. Perspectivas sobre o conceito de rádio segundo mariano cebrián herreros. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. X.º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Blumenau, 2009, p. 1-9.

DATA DE ENVIO: 29 de setembro de 2023 | DATA DE APROVAÇÃO: 07 de dezembro de 2023